



BIBLIOTECAS  
DE LISBOA

**O THALASSA** – *Semanário humorístico e de caricaturas*, publicou-se em Lisboa, de 6 de Março de 1913 a 14 de Maio de 1915, num total de 100 números (a que devemos somar mais 3 números especiais, de 4 de Setembro de 1913, de 1 de Fevereiro de 1914, dedicado a D. Carlos I, e de 1 de Fevereiro de 1915, ao Príncipe Real D. Luís Filipe – estes dois últimos para assinalar o Regicídio de 1 de Fevereiro de 1908).<sup>1</sup>

O *Thalassa* foi fundado por **Jorge Colaço** (1868-1942), **E. Severim de Azevedo** (Chripim) (1884-1920) e **Alfredo Lamas**, que também eram proprietários do título. Na capa do número 1, Alfredo Lamas aparece como director e gerente, Jorge Colaço como colaborador artístico, Chripim como colaborador literário, e **João Martins** como editor. Lamas assumiu a direcção d'O *Thalassa* até ao número 47, de 13 de Fevereiro de 1914, alegando “afazeres particulares”<sup>2</sup> para se afastar do cargo. A propriedade exclusiva do semanário humorístico passou então para Jorge Colaço e Severim de Azevedo, com o primeiro a assumir a direcção do semanário logo a partir do número seguinte (N.º 48), até ao fim da publicação, ocorrida a 14 de Maio de 1915.

A redacção e a administração d'O *Thalassa* ficavam na **Rua da Alegria**, N.º 26, no 2.º esquerdo. Era composto e impresso na tipografia da Rua da Conceição da Glória, N.º 38, igualmente em Lisboa. Mas um pouco mais tarde, a sede da redacção e da administração mudaram-se de armas e bagagens para a **Rua da Rosa**, 162, 1.º D, no **Bairro Alto**, para onde também deveria ser enviada a correspondência respeitante ao jornal.

A **concentração de jornais no Bairro Alto acentuava-se cada vez mais**, independentemente das suas características e afinidades políticas ou partidárias. O *Thalassa* era até vizinho de uma das principais folhas humorísticas da época, *Os Ridículos* (1895-1898; 1900; 1905-1963), dirigido por Cruz Moreira (1862-1930), com residência na Rua da Barroca. Com quem aliás, não pretendia concorrer, pois numa “Nota à Imprensa”, esclarecia: “O *Thalassa*, como o mais novo de todos os juizes do Sagrado Tribunal da Imprensa (que Deus nos perdoe a blasfémia) cumprimenta todos os seus colegas do país e saúda em particular o seu brilhante camarada *Ridículos*. Não significa esta excepção nas cortesias qualquer desprimor para os restantes, mas sim o desejo de afirmarmos ao semanário de *Caracoles*<sup>3</sup> que o *Thalassa* não pretende ser um rival, mas unicamente um companheiro amigo, do mesmo ofício”<sup>4</sup>.

<sup>1</sup> Disponível na Hemeroteca Digital, em:

<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/OThalassa/OThalassa.htm>

<sup>2</sup> Cf. “Declaração” publicada n'O *Thalassa*. Lisboa (20 Fev. 1914), p. 2.

<sup>3</sup> Pseudónimo do director do semanário *Os Ridículos*, Cruz Moreira.

<sup>4</sup> O *Thalassa*, Lisboa, N.º 1 (6 Mar. 1913), p. 2.

No que toca aos **preços**, um número avulso d’*O Thalassa* custava 20 réis, o dobro do que se pagava por um jornal noticioso, como o *Diário de Notícias*. Uma assinatura em Lisboa, durante um ano, ficava em 1\$050 réis, enquanto por seis e três meses em 600 e 300 réis, respectivamente. Para o resto do país, ilhas e colónias, os preços aumentavam ligeiramente: 1 ano já custava 1\$300 réis, 6 meses, 750, e 3 meses, 400 réis. Para o Brasil e “países da União Postal”, uma assinatura d’*O Thalassa* disparava para 1\$600 réis, com pagamento adiantado.

A criação de um semanário humorístico em 1913 com o título de *O Thalassa* (termo que nesta altura era atribuído pejorativamente aos monárquicos, ou a todos aqueles que eram adversos à forma republicana de governo), num contexto, ainda, de euforia republicana, de permanente instabilidade política e partidária (que marcaria os primeiros anos da República), e de um forte sentimento anti-monárquico, muito enraizado na cidade de Lisboa (junto da pequena e média burguesia, e das camadas mais baixas da população), revelava da parte de Jorge Colaço, Alfredo Lamas e Severim de Azevedo uma enorme coragem.

É certo que os fundadores d’*O Thalassa*, logo na apresentação do semanário humorístico, informavam que não vinham “desafiar” ninguém: “vimos apenas registar os variados aspectos cómicos deste funeral alegre que tem tanto de macabro como de ridículo. E, arredando por completo das nossas páginas toda a crítica que possa ferir a vida particular seja de quem for, limitar-nos-emos a fixar os aspectos públicos dos personagens” – um distanciamento que é de assinalar relativamente a certa imprensa de pendor mais sensacionalista que nestes anos começava a fazer furor.

Portanto, *O Thalassa* não aparecia “como um desafio, mas como uma necessidade. Necessidade sim, porque a vida são dois dias e não vale a pena passar esses rápidos momentos, carpindo só tristezas. Bem avariado se encontra o fígado nacional – como de resto todas as outras miudezas – e por isso parece-nos de bom patriotismo e bem assisada terapêutica amenizá-lo com um pouco de Xerez humorístico. É essa a nossa missão, esse é o nosso fim”<sup>5</sup>.

**Mas porquê a escolha deste adjectivo tão abertamente perigoso mesmo para um semanário humorístico e de caricaturas?** A explicação é-nos dada pelos próprios fundadores, no mesmo artigo de apresentação do jornal, num registo divertido mas bastante provocador, note-se: “Porque se chama *Thalassa* este semanário? Porque não se poderá chamar doutra maneira – como filosoficamente responderia o grande pensador Nónes [sic], se lhe perguntassem porque se chama sol ao sol. *Thalassa* é todo aquele que não é correigionário do sr. Afonso Costa; e nós, mercê de Deus que nos formou de aspirações modestas nunca aspirámos, nem aspiraremos a tal culminância. *Thalassa* é toda a pessoa que não faz *pum!* aos padres e não chama ladrões aos monárquicos, que não mimoseia com os epítetos de malandros e assassinos os *jasuitas* [sic] e não se incorpora nos cortejos do livre-

---

<sup>5</sup> In “*O Thalassa*”, *O Thalassa*, Lisboa, N.º 1 (6 Mar. 1913), p. 2

pensamento; que não bebe os soluços gasosos da oratória fluente do Sr. Estevão e não tem quota mensal do Centro de S. Domingos; que não vira as costas às igrejas e não dá vivas ao Sr. Bernardino; que não é inquilino das manifestações do largo das Duas Igrejas ou senhorio subscritor dos banquetes ao chefe dos monárquicos; que não é adesivo ou consolidador do cavalomarinheiro ao som da *Portuguesa*; que não cospe nas crenças; que não frequenta as Ligas das Sr.as Veledas; que não beija o sr. Brito; que não abraça o sr. António José; que não louva o sr. Ferreira do Amaral, que se não acocora diante do sr. Borges. *Thalassa* são finalmente... quatro milhões e meio de estúpidos portugueses a quem o avaro destino vedou de entrar no meio milhão restante de entes superiormente privilegiados e luminosos... Nós por exclusão das qualidades apontadas indispensáveis para pertencer aos segundos, estamos nos insignificantes do primeiro grupo, e portanto este semanário – nosso filho querido – que hoje pela primeira vez vê a luz do dia, não podia receber outro nome baptismal”<sup>6</sup>.

Esta explicação já traduz todo um **programa político e ideológico**, com *O Thalassa* a posicionar-se, claramente, como um **jornal assumidamente monárquico**: a par da explicação, *basta* folhear e ler os seus 100 números, que nos mostram, sem dúvida, **uma das críticas gráficas humorísticas mais mordazes e demolidoras que foram feitas aos políticos republicanos**, que desfilam pelas páginas d’*O Thalassa* desfigurados física e, sobretudo, moralmente.

Tratamento que só confirma o que já era previamente anunciado no programa do semanário, em jeito de conclusão da sua “razão de ser”: “Assim como noutros tempos *O António Maria* foi a Regeneração, o Fontes, o Ávila e o seu *cachenez*, o Sampaio e os seus panfletos, o Arrobas, o Passeio Público, mundo findo, mundo morto, *O Thalassa* será, aparte a desproporção no valor do imortal Rafael Bordalo Pinheiro e do nosso, o sr. Afonso Costa e o seu liberalismo, o sr. Brito Camacho e as suas subtilezas políticas, o sr. António José e o seu lirismo lunático, o sr. Nónes e a sua transcendente filosofia metafísica, o sr. Estevão e os seus arrancos tribunícios, o sr. Faustino e as suas fezes fradescas e tantas manifestações superiores do progresso da espécie humana. Será enfim o mundo de hoje, o mundo vivo, onde toda esta sociedade se debate com uma grande dose de inconsciência, de cobardia e de mau cheiro na boca”<sup>7</sup>.

Além do nome, **foi também criada a própria personagem do Thalassa**, com estreia auspiciosa logo na primeira página do primeiro número do novo semanário humorístico (a 6 de Março de 1913, num feliz e divertido desenho de Colaço<sup>8</sup>), fixado no cabeçalho concebido por “Alonso” (a partir de 1 de Maio de 1913, surge confortavelmente sentado no artigo definido do título, com a sua caneta, e passa a contar com a companhia do Zé Povinho, e do trio Afonso Costa, Brito Camacho e António José de Almeida, que manipula) e não raras

---

<sup>6</sup> *Ibidem*.

<sup>7</sup> *Ibidem*.

<sup>8</sup> Intitulado, “No seio da fraternidade, triunfante... São eles que me obrigam a aparecer...”, com o *Thalassa* a ser puxado por Afonso Costa, Brito Camacho e António José de Almeida, in *O Thalassa*, Lisboa, N.º 1 (6 Mar. 1913), p. 1.

vezes protagonista das farpas que eram lançadas aos republicanos. Tal como Bordalo Pinheiro criara o Zé Povinho, em 1875, n'A *Lanterna Mágica*, **era agora a vez de Colaço tentar criar um outro símbolo que tivesse idêntico sucesso junto da opinião pública**, embora em claro contraste com o Zé Povinho, na fisionomia nobre, no modo como se apresentava vestido, e mesmo na atitude.

**Se o Zé Povinho continuava a ser a personificação nacional portuguesa, a figura identificativa do povo português**, caricaturando-o na sua característica de eterna revolta perante o abandono e esquecimento da classe política (embora pouco ou nada fazendo para alterar a situação), **o Thalassa personifica, mais do que a mera oposição dos monárquicos ao novo poder, o próprio Portugal monárquico. Mas ambos assumindo uma função de desconstrução da realidade (republicana, no caso de O Thalassa), criticando humoristicamente os principais problemas sociais, políticos e económicos do país.**

Com todos estes ingredientes, quando aparece, a 6 de Março de 1913, **O Thalassa suscitou um grande interesse e uma “extraordinária procura” do primeiro número, obrigando inclusive à sua reedição.** As expectativas terão sido largamente superadas, surpreendendo até os próprios fundadores. Como era da praxe jornalística, sempre que surgia um novo título, os outros jornais registavam o facto nas suas páginas, com elogios, vivas, e palavras de estímulo. O *Thalassa*, ele próprio, dá-nos eco do reconhecimento *inter pares*, neste caso, sem surpresa, das folhas monárquicas *Nação*, *Dia*, *Os Ridículos*, mas também do *Diário de Notícias*, do *Socialista*, entre outros jornais. Mas o “cativante acolhimento” do novo semanário humorístico provocou também atrasos no envio das remessas para os assinantes e na distribuição em Lisboa, pelos quais os redactores pediram desculpas.

Ao analisarmos o impacto do surgimento desta publicação ficamos ainda a conhecer as **estratégias que eram encetadas para captar assinantes aquando do aparecimento dum novo periódico**, e, desta forma, assegurar a sua viabilidade económica:

- i) o primeiro número era enviado para “diversas pessoas do conhecimento” dos fundadores do jornal, “a fim de lhes participar a sua vinda a este mundo”;
- ii) as que não devolvessem o primeiro número para o escritório do jornal seriam *automaticamente* consideradas “como assinantes, com direito a relações íntimas”, passando a receber semanalmente o novo semanário;
- iii) para alargar o âmbito dos assinantes, que não apenas aos amigos e conhecidos, era inclusivamente solicitado aos leitores que enviassem para a redacção “muitos nomes de pessoas para assinar *O Thalassa*, bastando para o efeito “um simples bilhete-postal de 10 réis reaccionários ou de 1 centavo liberal” - pedido que pelos vistos surtiu efeito, pois no segundo número, de 13 de Março de 1913, *O Thalassa* já agradecia as muitas “relações de assinaturas” enviadas.

Além de Colaço, o principal ilustrador, *O Thalassa* contou ainda com a colaboração do desenhador e caricaturista “Alonso”, pseudónimo de **Joaquim Guilherme Santos Silva** (1871-1948). Pontualmente, encontram-se as assinaturas de outros artistas, como **João Valério** (1888-1969).

**Jorge Colaço revela um traço nitidamente influenciado por Bordalo Pinheiro, mantendo o mesmo tipo de humor e, tal como o mestre (e em oposição aos *novos*, aos modernistas), privilegiando a caricatura política.** Nesta opção, com a colaboração de outras publicações humorísticas, como *Os Ridículos* e o *Papagaio Real* (Lisboa, 1914), ***O Thalassa* vai dar um importante contributo para a renovação da “velha” caricatura política**, que continua a ser muito popular e a preferida das camadas populares.

Sem surpresa, **Afonso Costa, Brito Camacho e António José de Almeida** – o trio que ocupava todo o espaço da actividade político-partidária –, **foram os alvos predilectos da pena de Severim de Azevedo e do lápis de Jorge Colaço.** E, claro, a incontornável figura do Zé Povinho, que, juntamente com o próprio *Thalassa*, eram os grandes protagonistas da crítica satírica dirigida à República e aos republicanos. Num plano secundário, tínhamos Bernardino Machado e as restantes individualidades políticas que marcaram a vida pública destes anos.

Ao lermos esta publicação, os seus textos e desenhos, é toda uma época, neste caso circunscrita aos anos de 1913 a 1915, que podemos acompanhar e visitar de perto, pois ***O Thalassa* funciona como uma espécie de repórter gráfico dos acontecimentos políticos, culturais, sociais e mesmo económicos mais relevantes que se verificaram no início conturbado da República.**

Por Álvaro Costa de Matos

Lisboa, 5 de Agosto de 2014 (actualização).

#### **BIBLIOGRAFIA:**

MATOS, Álvaro Costa de – “Da Imprensa Humorística na I República...”, In ***Jornalismo e Jornalistas***, Lisboa, N. 44 (Out./Dez. 2010), pp. 50-66;

MATOS, Álvaro Costa de, e OLIVEIRA, João Carlos (Coord.) – **“O Jogo da Política Moderna!” *Desenho Humorístico e Caricatura na I República***, Catálogo da Exposição. Lisboa, CML/DMC/GTCMCR, 2010;

MATOS, Álvaro Costa de, e ALMEIDA, Mariana Caldas de, e BRAGA, Pedro Bebiano (Coord.) – ***Silva Monteiro. Desenho Humorístico n’Os Ridículos (1908-1926)***, Catálogo da Exposição. Lisboa, CML/DMC/GTCMCR, 2010;

MEDINA, João – ***Caricatura em Portugal. Rafael Bordalo Pinheiro, Pai do Zé Povinho***, Lisboa, Edições Colibri, 2008;

OLIVEIRA MARQUES, A. H. de – ***Guia de História da 1.<sup>a</sup> República Portuguesa***, Lisboa, Estampa, 1981;

SÁ, Leonardo De, e DEUS, António Dias de – ***Dicionário de Autores de Banda Desenhada e Cartoon em Portugal***, Costa da Caparica, Época de Ouro, 1999;

SOUSA, Osvaldo Macedo de – ***História da Arte da Caricatura de Imprensa em Portugal***, Vol. II (*Na República, 1910-1933*), Lisboa, Humorgrafe/SECS, 1999.